

POR UMA EDUCAÇÃO DA SENSIBILIDADE NO MUNDO LÍQUIDO

Ester Calaça Coutinho¹
Emmanoel de Almeida Rufino²

RESUMO

O presente estudo objetiva compreender o potencial de sensibilização do fenômeno educativo no contexto líquido atual e, em vista da consecução do mesmo, organizamos nosso estudo em três passos específicos de análise: inicialmente, focamos em traçar o perfil do mundo líquido a partir de uma análise do comportamento social dos indivíduos contemporâneos; em seguida, analisar o perfil e os efeitos da diminuição da sensibilidade humana no mundo líquido; por fim, discernir pressupostos para cultivar uma educação que promova a sensibilidade humana no mundo atual. Nosso estudo tem caráter estritamente teórico e é relevante porque pensar uma educação para a sensibilidade significa fomentar a construção de um mundo mais humano e sustentável para o futuro, especialmente num tempo líquido como o que vivemos. Em termos conclusivos, mostraremos que uma educação para a sensibilidade deve ser pensada tanto na escola (espaço formal) quanto fora dela (espaços informais), e seu sentido e dinâmicas pedagógicas ser voltados à promoção de sujeitos que vivam qualificadamente a celeridade dos estímulos sensoriais e psíquicos e o “boom” das informações passíveis de aprendizagem, sem perderem – nesse processo – sua saúde mental, suas capacidades de estabelecer vínculos dialógicos – e, portanto, imunes à insensibilidade – com os “outros” (sejam essas pessoas ou a própria natureza circundante), em suma, todos os atributos que nos tornam humanos e que estão em risco em meio à celeridade das vivências deste mundo líquido.

Palavras-chave: Bauman, Contemporaneidade, Educação, Mundo líquido, Sensibilidade.

INTRODUÇÃO

À luz das muitas obras do eminente sociólogo Zygmunt Bauman, o século XX pode ser facilmente interpretado sob a metáfora da *liquidez*. Diferente dos séculos precedentes, o século XX viu nascer uma dinâmica societária – em nível global – movida pela velocidade de informações, comunicações, tráfego de pessoas e ideias, pela mutação nas formas de relação dos indivíduos consigo e com o mundo ao seu redor, pela globalização da política e dos referenciais identitários de pertencimento de indivíduos e grupos humanos. No campo microscópico da vida social, os indivíduos viram despontar – especialmente nos centros urbanos, mas não só – uma cultura de celeridade que remodelou o horizonte das vivências particulares e seu substrato psíquico: as relações afetivas passaram a responder à lógica típica do mundo das mercadorias (que, por sua vez, não mais se encaixam no sólido paradigma moderno da massificação, mas se revela *flex*, promovido numa perspectiva *just-in-time*, *self-service*), a saber, a indisposição à vínculos duradouros de lealdade, a priorização do bem-estar

¹ Estudante do Curso Técnico em Instrumento Musical Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, princesaester64@gmail.com;

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UF, emmanoel.rufino@ifpb.edu.br.

privado em detrimento à ideia de bem comum, a preferência por muitas e imediatas experiências pessoais de prazer ao invés do investimento em algum tipo de felicidade/prazer a longo prazo, etc.

Como o fenômeno educativo acompanha as demandas de um grupo humano em seu tempo e espaço, a educação emergente nesse contexto tende a se perceber em crise auto-referencial, pelo especial descrédito contemporâneo (especialmente pós-moderno/líquido) a metanarrativas, apesar de ter que formar sujeitos capazes de forjar uma vida social sustentável, o que pressupõe algum tipo de vínculo universalista que possa suscitar a necessidade da cooperação mútua, do estímulo à solidariedade, ou, num nível menos complexo, do estímulo à sensibilidade dos indivíduos para ser que com ele divida espaço no seu ambiente vivencial.

Diante desse contexto de liquidez em que os sujeitos contemporâneos estão imersos, a elaboração de nosso estudo está fundada na investigação da seguinte problemática: como a educação pode ser promotora da sensibilidade no líquido contexto cultural contemporâneo? Objetivando, portanto, compreender o potencial de sensibilização do fenômeno educativo no contexto líquido atual, organizaremos nossa busca pela consecução desse escopo geral a partir de três objetivos específicos de análise: no primeiro momento, traçaremos o perfil do mundo líquido a partir de uma análise do comportamento social dos indivíduos contemporâneos. Em segundo lugar, analisaremos o perfil e os efeitos da diminuição da sensibilidade humana no mundo líquido. Por fim, discerniremos pressupostos para cultivar uma educação que promova a sensibilidade humana no mundo atual.

Nosso estudo se revela relevante porque, de saída, o fenômeno educativo precisa ser pensado e repensado cotidianamente, não só por assumir configurações específicas a depender das nuances espaço-temporais em que se funda, mas por sua importância social, já que a educação é o fenômeno constituinte da civilidade societária. De modo específico, quando aqui sugerimos pensar os efeitos do mundo líquido nas relações humanas atuais, preocupamo-nos com aquilo que isso pode trazer à ideia de civilidade que, dentre outras coisas, pressupõe a existência de fundamentos de coesão social como o respeito mútuo e a solidariedade, instâncias relacionais que dependem de um princípio subjetivo básico: a sensibilidade. Desse modo, pensar a sensibilidade via educação é ratificar sua importância na construção de um mundo mais humano e sustentável para o futuro que agora já se semeia, potencialmente.

METODOLOGIA

A organização deste estudo se constituiu a partir do uso estrito de materiais bibliográficos, assumindo, portanto, uma tipologia teórica. A partir disso e considerando os objetivos específicos que anunciamos, delineamos as estratégias metodológicas de nosso estudo bibliográfico da seguinte maneira: num primeiro instante de nossa análise, ao traçarmos o perfil do mundo líquido a partir de uma análise do comportamento dos indivíduos contemporâneos, faremos uma remissão ao pensamento de Zygmunt Bauman, usando especialmente o artigo “Zygmunt Bauman e a emergência da vida líquido-moderna” (RUFINO, 2008), que sintetiza várias obras do autor, como *Vida líquida* e *Amor líquido*. Na sequência, ao investigarmos a diminuição da sensibilidade humana no mundo líquido como efeito da cultura de liquidez que os sujeitos assumem em sua experiência sócio-cultural contemporânea, além dos textos acima mencionados, utilizaremos leituras de autores como Emmanoel Rufino (2016) e Jorge Larrosa Bondía (2002) que, conforme evidenciaremos no desenvolvimento da análise, desvelam aspectos importantes sobre a sensibilidade humana e sua manifestação nos dias atuais. Todas essas obras serão decisivas para que no terceiro momento de nosso estudo, possamos pensar pressupostos propícios ao cultivo de uma educação que promova a sensibilidade no mundo atual.

A partir da organização dessa estrutura metodológica, cremos ser possível contemplar de maneira satisfatória as demandas específicas de análise que projetamos à resolução do problema desta pesquisa, conforme anunciamos anteriormente.

DESENVOLVIMENTO

1. Perfil do mundo líquido através da análise do comportamento dos indivíduos contemporâneos

"A vida é muito maior que a soma de seus momentos"
(Zygmunt Bauman)

No mundo líquido, a condição de vida humana não se difere de uma mera mercadoria, ao qual pode-se ser descartada e substituída a qualquer momento, forçando os indivíduos dessa sociedade serem totalmente flexíveis e ágeis, sempre em busca de atualização e aprovação por mérito, como se estivessem em lutas eternas pelo reconhecimento.

Nesse cenário, analisaremos o indivíduo, revelando sua realidade. Zygmunt Bauman (1925 – 2017), descrevia tal época moderna como uma fina camada de gelo, onde seus sujeitos são

patinadores sobre ela, vivendo sempre correndo com o perigo iminente dessa camada romper-se, afundando em suas profundezas, aqueles que forem incapazes de acompanhar o ritmo que a “evolução” exige.

A vida líquida-moderna, é assim chamada, por não ter estabilidade, mais caracterizada pela incerteza, pois, como um líquido não é definido pela forma que possui, se adequando ao recipiente colocado, desta mesma maneira devem viver os que nela estão inseridos, em alerta para mudanças constantes, em busca do que é mais novo, sem tempo para perder, a questão é “modernizar-se ou perecer” (BAUMAN, 2000, p. 158) Não se é dado garantias e seguranças sobre absolutamente nada, as coisas não são produzidas para durarem, nem mesmo, as relações humanas, é lhes ensinado desapegar, criar vínculos é um risco de poder ficar para trás, de se ferir e afundar: “É preciso viver tudo o que o mundo oferece, tentando degustar ao máximo o gosto das relações estabelecidas, sem, no entanto, manter vínculos” (RUFINO, 2008, p. 8).

Dessa forma, é criado um estilo de vida, onde a felicidade é encontrada ao usufruir tudo ao máximo, no “carpe diem”, no imediato, sem correr as ameaças de uma desilusão na espera de um futuro promissor, tornando os laços humanos, cada vez mais frágeis e indiferentes, fortalecendo a ideologia de que pessoas são substituíveis, como objetos, por uma versão mais bonita, nova e melhorada, jogando no esquecimento qualquer ligação com a palavra lealdade. É ultrapassado demais para tal seres transbordantes de informações, ter compromisso com algo, que não seja realizar seus próprios desejos, em uma vida vazia e carente por preenchimento, e vemos nesse contexto, que a própria vida líquida incentiva a insatisfação do indivíduo com ele mesmo, fazendo-o procurar insaciavelmente, prazer no que surge à sua frente, como por exemplo, namorar nos dias de hoje, é considerado algo “cafona”, pois envolve compromisso, tempo, lealdade, confiança, estabilidade, duração, o que é totalmente adverso aos ensinamentos de uma vida líquida-moderna, então, seu famigerado upgrade foi produzido, o famoso “ficar”, considerado coisa de jovem, é algo mais simples e que não exige tanto esforço, tanto de si próprio, é somente pelo prazer, sem compromissos, vínculos, lealdade e principalmente dor, é uma relação de trocas de prazeres, onde o outro é eterno, até não ser mais útil ou agradável, sendo facilmente substituído por outro, totalmente descartável, essa é a cultura de coisificar o humano, sem identidade, e por fim, sem encontrar sentido em si próprio, pois tudo o que se tem é artificial e mecânico, onde tudo sempre recomeça, de novo e de novo, fazendo desse mundo, como disse Bauman, quando citou Lewis Carroll, um novo País das Maravilhas, e seus habitantes, “todos Alices”, onde, “ora aqui, você vê, é preciso toda a velocidade de que você é capaz para ficar no mesmo lugar” (BAUMAN, 2007, p. 35).

Tudo é tão rápido, coisas, pessoas, momentos aparecem na mesma velocidade que somem, sem deixar marcas, vestígios, lembranças, ou ao menos experiências duradouras. Na sociologia, é estudado que o ser humano necessita de algum tipo de contato social, nessa classe há o contato primário (face a face), e o secundário (impessoal), porém, por influência da modernidade contemporânea, os indivíduos, tornaram-se cada vez mais individualistas, aumentando o contato secundário, pouco utilizado nas eras passadas, e extinguindo o contato primário, deixando as relações superficiais e trazendo enorme indiferença e apatia por parte de tais sujeitos.

É claramente notório que, a vida líquida é uma vida cansada e exaustiva, onde sobreviver e não cair em anonimato é o que importa, mesmo que isso custe o sentido e a alegria verdadeira de viver, assim como, sucintamente declarou Bauman a respeito disso, “ a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante” (BAUMAN, 2007, p. 8).

2. A diminuição da sensibilidade no mundo líquido

"A vida se reduz ao estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo igualmente fugaz e efêmera" (Jorge Larrosa Bondía, 2002).

Como já retratado neste artigo, os laços humanos e até o contato direto, estão cada vez mais frágeis, por consequência do mundo líquido e as exigências que submete seus indivíduos.

Jorge Larrosa Bondía também via que algo muito importante estava se perdendo no ser humano, percebia que estamos nos tornando máquinas, perdendo dentro de nós o que nos faz humanos: a capacidade de sentir além do que vê. “Vivemos num mundo onde recebemos muitas informações a todo instante, onde opinamos sobre tudo, trabalhamos demais e temos muito pouco tempo” (BONDÍA, 2002) ou “depois de um dia cheio de coisas vivenciadas, depois de tocar em tudo, mesmo que por nada se tenha deixado tocar profundamente” (RUFINO, 2016, p. 16), são frases que refletem a vida líquida-moderna, a contemporaneidade e todo esse “mundo fluído, desregulamentado e individualizado da mudança acelerada e difusa” que Bauman tanto expõe, porém, acredita-se que quanto mais informação, ter-se-ia mais conhecimento, e mais as pessoas seriam civilizadas e que, enfim, acabariam com a barbárie, no entanto, os que cometeram tais atrocidades ao criarem os campos de concentração, eram muito bem informados, sujeitos inteligentíssimos (RUFINO, 2016, p. 17). O próprio holocausto é um grande exemplo de que toda essa racionalização, nos aproxima de não termos o sentimento de sermos humanos, tirando, a nossa sensibilidade.

Larrosa nos explica que tal onda de insensibilidade na atualidade se deve a escassez de experiências, ao qual se tornou rara, pois as mudanças rápidas e bruscas impedem de se ter experiências, de se aprofundar no que nos acontece, e sem ela, estamos propensos a ficarmos progressivamente vazios, apáticos, não conseguindo enxergar sentido em nada, e automatizados a uma rotina infundável de somente produzir e nada possuir, esquecendo-se totalmente do “ser” e focando unicamente em “ter”, pois “consumir é poder” (RUFINO, 2008, p. 6).

Experiência, segundo Larrosa, “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21) e ela exige que paremos, observemos os detalhes, escutemos, pensemos, parar o tempo e dar atenção aos acontecimentos, refletir, ter intimidade, paciência, coragem em deixar-se envolver profundamente com a vida e aprender seus ensinamentos. A sensibilidade está totalmente ligada à experiência, é como sentimos o mundo, mas como se faz isso, se no mundo líquido, suas características típicas tornam inviável tal conhecimento, que vai muito além de somente adquirir informações e processá-las mecanicamente?

Existem fatores essenciais para a pobreza de experiências, presentes nesse estilo de vida, que, conforme Larrosa são, excesso de informação, muita opinião, falta de tempo e excesso de trabalho, todas inimigas fatais da experiência, e que regem a política do mundo moderno.

Começamos pela informação, considerada a principal virtude desta era, por acharem ser ela a fonte de todo o conhecimento presente, pois nunca se soube tanto sobre tudo como agora. O problema aqui, é justamente o excesso compulsivo dela, que aprisiona seus seguidores e os torna manipuláveis, como vemos muito recentemente, milhões de pessoas enganadas todos os dias por "fake news", deixando-as mais e mais individualistas, não confiando em coisa alguma ou alguém, já afetando a sensibilidade no campo da empatia, da solidariedade, e do próprio espírito de cooperação. Também impulsiona a busca por novidades desenfreada, com o lema de que, "o novo é melhor que o passado, pois tudo o que é antigo é ultrapassado."

São tantas coisas ao mesmo tempo, que nossa mente não é capaz de recordar tudo, logo "nossa mente precisa esquecer, para lembrar" (RUFINO, 2016, p.16) perdendo toda e qualquer experiência que essa lembrança poderia nos dar.

Sendo dessa civilização desmemoriada, a informação necessita que se tenha uma opinião sobre tudo o que ela apresenta, anulando a potência de se ter experiências, pois com a influência da opinião, não é mais utilizada a capacidade de refletir sobre algo. Nada nos acontece por estarmos sempre tão ativos, ultra-informados e transbordantes de opinião, tudo é rotulado por alguém, e sem pensar, não há contestações ou questionamentos, é uma forma manipuladora de mentes, pois não permite ter um contato maior com os fatos em si e estudá-los mais afundo, o mesmo também com pessoas, que ao serem alvos de um rótulo, não se

procuram saber sobre a verdadeira face de tais, mas são produzidos pré-conceitos em relação a informação dada sobre eles. Por tanta confusão, pensar é impossível, porque necessita de silêncio, o qual também é raro nessa população tagarela, e sua falta afeta fatalmente a experiência, que exige silêncio para se demorar nos detalhes que a vida líquida deixa passar todos os dias, pois para a atualidade, permanecer em silêncio, significa ignorância, falta de argumentos ou até mesmo um ser retrógrado, porém, o que sabiamente já se foi dito, deve ser seguido, as palavras do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein: "daquilo que não se pode falar, se deve calar".

"A cada dia se passam muitas coisas, mas, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece" (BONDÍA, 2002, p. 21), o tempo, o que falta na vida contemporânea, só há correria que não leva a lugar nenhum. Pessoas passam os anos da sua vida, vivendo tudo, mas simultaneamente coisa alguma, sem tempo não se vive, somente se existe. Não são produzidas memórias, sonhos ou sentido, nada fica do que já aconteceu, anda verdadeiramente é absorvido ou transpassa-te deixando marcas de sabedoria e conhecimento que somente a experiência é capaz de dar, para quebrar toda essa artificialidade e mecanização, acabar com a produção de sujeitos vorazes e insaciáveis de notícias, eternamente insatisfeitos consigo mesmo.

E por fim, trabalho demais, com enormes massas alienadas em produzir sem parar, na tentativa de serem autossuficientes e quererem ter o controle de suas vidas, mas acabam se tornando apenas um objeto manufaturado do sistema que rege a sociedade.

No fim, "estamos tão cheios de insensibilidade que corremos o risco de confundi-los, ou pior, de traduzi-los com insignificância" (RUFINO, 2016, p. 11), estamos cegos por este modo de vida que nos atrai por encantos de coisas novas que aparentemente vão trazer felicidade e realizar todos os desejos, esquecendo de como é viver de verdade, e do que a experiência é capaz de fazer: transformar a nós mesmos, dar sentido ao que vivemos, e trazer amor e paixão pela vida, sentindo-a profundamente com a alma, revelando sua essência, e para que isso ocorra, Larrosa nos deixou o ensinamento: " A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço" (BONDÍA, 2002, p. 24).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3. A educação escolar como promotora da sensibilidade humana: uma (im)possibilidade?

Após analisarmos o mundo líquido e sua insensibilidade, veremos agora o que se pode, ou o que as escolas podem fazer para reverter esse grande problema.

Primeiro, como caracterizamos alguém insensível? Basta olhar para a sociedade, onde as pessoas não se importam com as outras, por serem máquinas que não possuem tempo para saírem de seus mundos próprios e olharem para o próximo, é totalmente perigoso ter cada vez mais, pessoas que não se comovem com a dor ou até a morte de outros da sua própria espécie.

Nessas condições, onde a educação entraria, para evitar que outras pessoas e gerações adquiram estes tipos comportamentais? Creio que a base sentimental e de personalidade, deva vir de casa, os primeiros ensinamentos, conduta moral e ética, bom senso, e principalmente bons exemplos. Porém, essa educação está sendo prejudicada pelo excesso de trabalho e falta de tempo dos responsáveis, que acabam terceirizando a educação de seus filhos, colocando-os em escolas ou contratando alguém, deixando de ter o contato primário, de dialogar, ter momentos de lazer em conjunto ou às vezes, dar a atenção necessária para o desenvolvimento de uma mente saudável e emocionalmente ativa, tornando muitos indivíduos carentes e introvertidos. É preciso tirar tempo para a família e conversar sempre que possível, acompanhar a rotina e dar a atenção devida que as situações exigem. Uma alternativa de solução para isso, é terem palestras educativas para pais e filhos, promovendo uma relação de união e amor nos lares.

Já a educação, no ambiente instituições escolares, também é necessário promover mais contato humano entre discentes e docentes, uma relação que não só envolvam obrigações e matérias. É necessário mudar o sistema que automatiza alunos, que criam ótimos profissionais técnicos, mas não seres humanos. Não se pode ter mais essa visão de que os seres humanos ali presentes, sejam somente um meio para o mercado lucrar, mas sim, de serem formados bons cidadãos, com acompanhamentos e palestras incentivadoras da cooperação com o próximo por parte das instituições, mais matérias reflexivas sobre o comportamento humano e a sociedade, dinâmicas que ensinem que o outro não é um rival, mas um companheiro e principalmente, cuidar dos funcionários, dando bons exemplos de respeito e colaboração.

O que mais se necessita para que as coisas boas voltem, é que aqueles que acreditam nela se levantem, e ensinem o amor e compaixão, que nossa época tanto necessita, e que no

meio da multidão de desastres e sofrimentos, surjam aqueles que com exemplos de amor, mudem a ótica de uma civilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos neste artigo que, a modernidade líquida afeta muito a sensibilidade dos indivíduos. Entendemos como o modo de vida contemporâneo tem trazido consequências profundas, e como a escola pode ensinar os sujeitos desse mundo a viverem de forma sensível mesmo estando inseridos neste contexto. Vimos como está totalmete ligada a sensibilidade com a experiência com base no que Zygmunt Bauman, Jorge Larrosa Bondía e Emmanoel de Almeida Rufino nos mostram em suas reflexões. Por fim, com essa pesquisa sociológica, buscamos analisar maneiras de combatimento aos riscos causados na sociedade pela vida líquida-moderna.

Percebemos que a escola deve formar não somente bons profissionais, mas sim, bons cidadãos, capazes de sentir o mundo ao seu redor e ao próximo, com palestras promotoras de sensibilidade, aproximação maior com seus alunos, e preocupação com o psicológico de todos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin – Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação Janeiro /Abril, 2002.**

RUFINO, Emmanoel de Almeida. **Ensaio sobre (in)sensibilidade.** João Pessoa: Edição do autor, 2016.

RUFINO, Emmanoel de Almeida. Zygmunt Bauman e a emergência da vida líquido-moderna. **Revista Studium**, Recife, 2008.

<https://cafecomsociologia.com/zygmunt-bauman/amp/>